



ISSN: 2595-1661

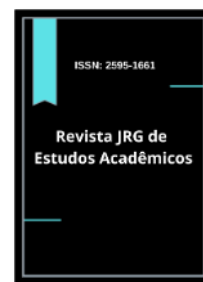
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Ferramentas utilizadas por enfermeiros no atendimento à criança autista: aplicação, capacitação e desafios

Tools Used by Nurses in the Care of Children with Autism: Application, Training, and Challenges

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2543

ARK: 57118/JRG.v8i19.2543

Recebido: 16/10/2025 | Aceito: 20/10/2025 | Publicado on-line: 21/10/2025

Eduardo Mestriner Franco¹

<https://orcid.org/0009-0001-8588-7135>

<https://lattes.cnpq.br/0192571134690127>

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, PR, Brasil

E-mail: duh.sti@hotmail.com

Wesley Martins²

<https://orcid.org/0000-0003-1083-9515>

<http://lattes.cnpq.br/7194548982116038>

Centro Universitário Dinâmica das Cataratas, PR, Brasil

E-mail: wesley.martins@udc.edu.br



Resumo

O atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um desafio significativo para a enfermagem, especialmente pela necessidade de identificar precocemente os sinais do transtorno e oferecer um cuidado integral, humanizado e centrado na criança e em sua família. Este estudo teve como objetivo analisar as ferramentas utilizadas pelos enfermeiros no atendimento a crianças com TEA, destacando sua aplicação prática, a capacitação profissional e os principais desafios enfrentados no processo de cuidado. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), e Bireme, via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que incluiu estudos publicados entre 2020 e 2025. A análise evidenciou que a detecção precoce do TEA permanece limitada, em razão da falta de capacitação específica, da ausência de protocolos padronizados e da insegurança dos profissionais da Atenção Primária para abordar as suspeitas do transtorno. Observou-se também que muitos enfermeiros restringem sua atuação ao encaminhamento, sem realizar acompanhamento longitudinal, o que reforça a necessidade de educação permanente e de maior articulação intersetorial entre saúde, educação e família. Além disso, os estudos analisados destacaram que acolhimento, escuta qualificada, empatia e práticas humanizadas são fundamentais para fortalecer o vínculo com as famílias, garantir a adesão aos serviços e proporcionar uma assistência integral, especialmente em situações de urgência e pronto atendimento. Conclui-se que investir na formação contínua, na integração

¹ Tecnólogo em Gestão Pública pelo Centro Universitário Internacional UNINTER e estudante do curso de Enfermagem no Centro Universitário Dinâmica das Cataratas.

² Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas.

multiprofissional e em estratégias humanizadas é essencial para aprimorar a detecção precoce, ampliar a qualidade do cuidado e contribuir para a inclusão social e o desenvolvimento pleno de crianças com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Enfermagem. Formação.

Abstract

The care of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) represents a significant challenge for nursing, particularly due to the need for early identification of the disorder's signs and the provision of comprehensive, humanized, and family-centered care. This study aimed to analyze the tools used by nurses in the care of children with ASD, highlighting their practical application, professional training, and the main challenges encountered in the care process. It is an integrative literature review, conducted in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Bireme databases, accessed through the Virtual Health Library (VHL), including studies published between 2020 and 2025. The analysis revealed that early detection of ASD remains limited due to the lack of specific training, the absence of standardized protocols, and the insecurity of primary care professionals in addressing suspected cases of the disorder. It was also observed that many nurses limit their role to referrals, without providing longitudinal follow-up, emphasizing the need for continuing education and greater intersectoral collaboration among health, education, and family services. Furthermore, the studies highlighted that welcoming approaches, active listening, empathy, and humanized practices are essential to strengthen the bond with families, ensure adherence to health services, and provide comprehensive care, especially in emergency and urgent care settings. It is concluded that investing in continuous professional training, multiprofessional integration, and humanized strategies is crucial to improve early detection, enhance the quality of care, and contribute to the social inclusion and holistic development of children with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Nursing; Training.

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por comprometimentos na comunicação social e por padrões de comportamento repetitivos e restritos. O diagnóstico do TEA ocorre predominantemente na infância, especialmente nos primeiros anos de vida (SILVA et al., 2023). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a prevalência global do TEA varia entre 1% e 2% da população, sendo que, no Brasil, a incidência tem apresentado um aumento significativo, o que pode ser atribuído a uma maior conscientização e aprimoramento dos critérios diagnósticos (PEREIRA et al., 2023). A identificação do TEA é baseada em uma avaliação clínica abrangente, que inclui análise do histórico médico e comportamental do indivíduo, além da exclusão de outros transtornos neuropsiquiátricos (FERREIRA; COSTA, 2022).

O cuidado de crianças com TEA requer uma abordagem individualizada, na qual os profissionais de saúde, em especial os enfermeiros, devem desenvolver competências específicas para atender às particularidades do transtorno. A adaptação das estratégias assistenciais às necessidades individuais da criança é fundamental para a efetividade do cuidado (OLIVEIRA et al., 2024). Apesar da relevância do papel do enfermeiro no diagnóstico precoce e na intervenção terapêutica, observa-se uma lacuna significativa na formação e especialização desses

profissionais para o atendimento de pacientes com TEA, o que compromete a qualidade da assistência prestada (RODRIGUES; SILVA, 2023).

Estudos indicam que muitos enfermeiros relatam dificuldades na preparação para o atendimento de crianças com TEA, atribuídas principalmente à carência de capacitação específica na área. Essa deficiência reflete-se na qualidade do cuidado ofertado e na dificuldade em estabelecer uma comunicação eficaz com os pacientes autistas (SANTOS et al., 2022). Além disso, a inexistência de protocolos padronizados para o atendimento e a complexidade inerente ao transtorno reforçam a necessidade de capacitação contínua e da implementação de estratégias assistenciais que favoreçam a humanização do cuidado (MORAES et al., 2023).

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar as práticas de cuidado do enfermeiro à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando os desafios na detecção precoce, as lacunas na formação profissional e as estratégias que fortalecem o vínculo com a família e a atuação multiprofissional, destacando a importância do acolhimento humanizado para uma assistência integral e qualificada.

2. Metodologia

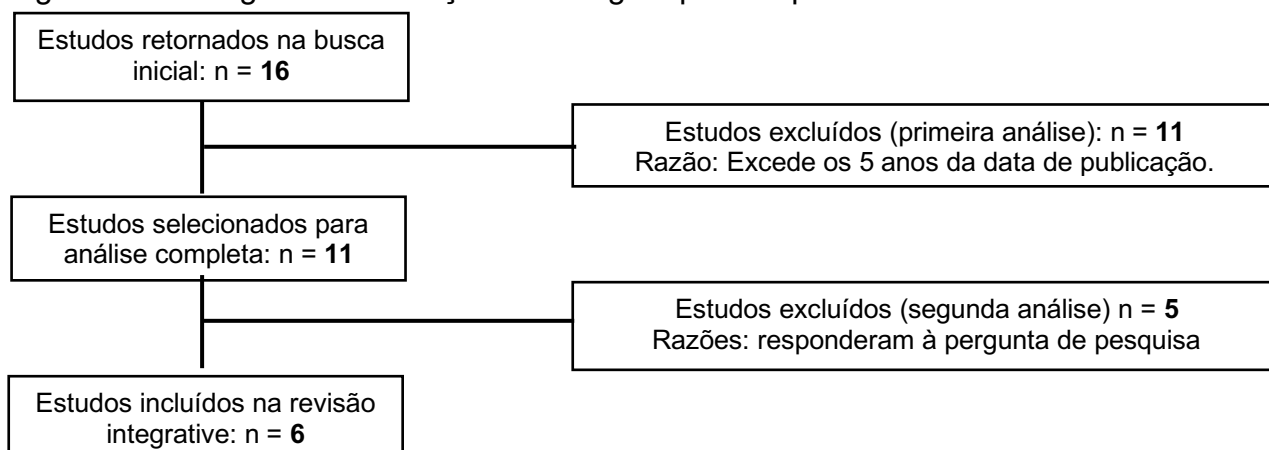
Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, do tipo revisão integrativa da literatura, essa pesquisa visa reunir e apresentar os resultados encontrados a respeito do tema em questão, de forma completa, organizada e sistemática.

Foi utilizado o acrônimo PICO (População, interesse, comparação, desfecho) para formular a pergunta de pesquisa, no qual P referiu-se aos profissionais de enfermagem, I as crianças com transtorno autista e O as ferramentas utilizadas no atendimento (C não foi aplicado). O acrônimo direcionou a seguinte pergunta de pesquisa: Quais desafios os enfermeiros enfrentam na utilização de ferramentas voltadas ao atendimento de crianças com TEA.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de fevereiro a junho de 2023, a partir das bases de dados da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), e Bireme, via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por meio dos descritores: “Transtorno do espectro autista”, “Enfermagem”, “Formação”. Com estratégia de busca para restringir e ampliar os resultados, foi utilizado o operador booleano AND de acordo com as bases de dados.

Para a seleção dos estudos, foram utilizados como critérios de inclusão trabalhos publicados em forma de artigo, disponibilizados de forma gratuita e disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol, no período de 2020 a 2025. A Figura 1 apresenta o processo de seleção dos estudos que compuseram essa revisão integrativa.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos artigos que compuseram a amostra



FONTE: elaborado pelos autores

Salienta-se que os aspectos éticos em pesquisa foram respeitados e, por não envolver coleta de dados primários, não foi necessária aprovação em comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP).

3. Resultados e Discussão

No Quadro 1 estão reunidos os artigos conforme a seleção. Estão organizados de acordo com as seguintes variáveis: número do artigo, título do estudo, autores, revista, ano de publicação e objetivo.

Quadro 1 - Distribuição dos artigos conforme as variáveis: número do artigo, título do estudo, autores, revista, ano de publicação e objetivo, 2025.

Art	Título	Autores	Revista/Ano	Objetivo
01	Deteção precoce dos sinais de alerta de autismo em crianças na atenção primária à saúde sob a perspectiva das relações interpessoais	OLIVEIRA	Escola de Enfermagem Anna Nery (2024)	Descrever a participação de enfermeiros no processo de detecção precoce dos sinais de alerta dos TEA em crianças de até três anos de idade, no âmbito da Atenção Primária à Saúde
02	Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista	ALMEIDA et al.	Revista de enfermagem da UFPI (2024)	Avaliar conhecimento e prática de enfermeiros de unidades de atenção primária à saúde acerca do Transtorno do Espectro Autista
03	Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista	JERÔNIMO et al.	Acta Paulista de Enfermagem (2023)	Apreender a representação de Enfermeiros (as) sobre a assistência a crianças / adolescentes com Transtorno de Espectro Autista nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil
04	Percepção dos acadêmicos de Enfermagem sobre Autismo	CAMELO et al.	Enfermagem em Foco (2021)	Analisar o nível de conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)
05	O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano	SOELTL et al.	ABCS Health Sci (2021)	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional
06	Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento	SANDRI, et al.	Semina: Ciências Biológicas e da Saúde (2022)	Analisar a atuação dos enfermeiros a pessoas com autismo, bem como à sua família, nas Unidades de Pronto Atendimento

FONTE: elaborado pelos autores

O Artigo 01 desenvolvido por Oliveira (2025), teve como objetivo compreender como ocorre a detecção precoce dos sinais de alerta do autismo em crianças na Atenção Primária à Saúde, considerando a perspectiva das relações interpessoais entre profissionais de saúde, familiares e crianças.

O método utilizado foi uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, realizada em uma Unidade de Saúde da Família com 15 participantes (profissionais da atenção primária). Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados pela técnica de análise de conteúdo.

Os principais resultados mostraram que a detecção precoce ainda enfrenta fragilidades, devido à falta de conhecimento específico dos profissionais, dificuldades no estabelecimento de vínculo com a família e insegurança em abordar suspeitas de autismo. Apesar disso, destacou-se a importância do acolhimento, da escuta qualificada e da construção de confiança com os familiares como fatores que favorecem a identificação precoce dos sinais.

As conclusões apontam que as relações interpessoais são fundamentais para o processo de detecção precoce do autismo. Os autores ressaltam a necessidade de capacitação contínua dos profissionais da Atenção Primária e de estratégias que fortaleçam a comunicação com as famílias, favorecendo o cuidado integral e a intervenção precoce.

A falta de preparo específico para identificar sinais precoces do TEA é amplamente relatada na literatura brasileira. Em estudo realizado em Vitória de Santo Antão/PE, Santos (2024) verificou que, embora a maioria dos enfermeiros afirme conhecer o TEA, cerca de 22,73 % não se sentem aptos a aplicar métodos de identificação ou classificação, evidenciando um hiato entre o conhecimento teórico e a prática.

Revisão sistemática de Prando e Leão (2025) confirmou que a carência de capacitação dos profissionais da atenção básica, somada à falta de protocolos padronizados e ao desconhecimento das famílias, é um dos principais entraves para o diagnóstico precoce. Esses achados reforçam a urgência de investimentos em educação continuada e estratégias institucionais que ofereçam segurança aos profissionais para reconhecer e intervir diante de sinais iniciais do TEA.

O artigo 02 objetivou analisar o conhecimento e a prática dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando dificuldades e potencialidades no processo de cuidado.

O método adotado foi uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada com 12 enfermeiros atuantes na Estratégia Saúde da Família. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e submetidos à análise de conteúdo.

Os principais resultados evidenciaram que os enfermeiros possuem conhecimento limitado acerca do TEA, especialmente em relação aos sinais precoces e às estratégias de intervenção. Observou-se que as práticas de cuidado muitas vezes se restringem a encaminhamentos, sem aprofundamento no acompanhamento contínuo. No entanto, os profissionais destacaram o acolhimento às famílias e a articulação com outros serviços como pontos positivos no cuidado.

As conclusões indicam a necessidade de maior capacitação dos enfermeiros da Atenção Primária sobre o TEA, com ênfase na detecção precoce e no acompanhamento longitudinal das crianças. Ressalta-se ainda a importância do

fortalecimento da rede de apoio e da atuação multiprofissional para garantir uma assistência mais qualificada.

Pesquisas confirmam o conhecimento limitado de enfermeiros da APS sobre TEA. Em Santa Catarina, Prigolli, Rostirolla e Grando (2024) identificaram ausência de capacitação específica e necessidade de educação permanente para reconhecer sinais precoces. De modo semelhante, revisão integrativa destacou lacunas no uso de ferramentas de triagem e estratégias adequadas de intervenção, reforçando a importância de protocolos e treinamentos regulares.

Quanto ao acompanhamento longitudinal, Ruela (2022) observou que muitos enfermeiros restringem o cuidado ao encaminhamento, citando falta de recursos e orientações para seguimento contínuo. Carvalho, Sousa e Azevedo (2023) apontam que intervenções que combinam suporte educacional, articulação intersetorial e monitoramento frequente melhoram o cuidado e a satisfação familiar, indicando a necessidade de institucionalizar essas práticas na APS.

O artigo 03 intitulado “Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista”, teve como objetivo identificar as práticas de assistência de enfermeiros a crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando desafios e estratégias utilizadas no cuidado.

O método consistiu em uma revisão integrativa da literatura, realizada em bases de dados nacionais e internacionais, abrangendo publicações de 2010 a 2020. Foram selecionados 15 artigos que atenderam aos critérios de inclusão.

Os principais resultados mostraram que a assistência do enfermeiro envolve ações de acolhimento, apoio às famílias, orientação sobre o manejo do comportamento, incentivo à inclusão social e articulação com a rede multiprofissional. Contudo, constatou-se escassez de produções científicas e carência de capacitação específica dos enfermeiros para lidar com as demandas do TEA.

As conclusões ressaltam a importância da qualificação profissional e da produção de novos estudos sobre o tema. Recomenda-se fortalecer o papel do enfermeiro como articulador do cuidado e ampliar estratégias educativas e de sensibilização voltadas às famílias e comunidades.

Ações de inclusão social para crianças com TEA são mais eficazes quando articuladas entre saúde, educação e assistência social. Silva et al. (2025) apontam que enfermeiros enfrentam barreiras na inclusão escolar, mas destacam que o trabalho conjunto com professores, gestores e famílias favorece a participação social. De forma semelhante, uma revisão integrativa (UESB, 2022) enfatiza que a cooperação com psicólogos, terapeutas e fonoaudiólogos é fundamental para apoiar o comportamento e a socialização dessas crianças.

Quanto à articulação multiprofissional, iniciativas práticas comprovam benefícios. O programa de capacitação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no Paraná demonstrou avanços na autonomia e comunicação ao integrar diferentes profissionais (Paraná – Escola de Saúde Pública, 2021). Também Caitano et al. (2025) relatam que enfermeiros, quando inseridos em redes de suporte familiar e comunitário, contribuem com escuta, orientação e promoção da autonomia, reforçando que inclusão e trabalho integrado são caminhos concretos para melhorar o cuidado.

No artigo 04 os autores objetivaram analisar a percepção de acadêmicos de Enfermagem acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente em relação ao conhecimento adquirido durante a graduação e sua preparação para atuar no cuidado a essas crianças.

O método adotado foi um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado com 30 acadêmicos de Enfermagem de uma instituição de ensino superior. A coleta de dados ocorreu por meio de questionários e entrevistas, analisados pela técnica de análise de conteúdo.

Os principais resultados revelaram que a maioria dos acadêmicos apresenta conhecimento limitado sobre o TEA, reconhecendo falhas na formação acadêmica quanto à temática. Muitos relataram insegurança para atuar na prática profissional, embora destacassem a relevância do tema para a formação do enfermeiro. Foi ressaltada também a importância do contato com a família e da atuação multiprofissional.

As conclusões apontam a necessidade de maior inserção de conteúdos sobre TEA na graduação em Enfermagem, por meio de disciplinas, capacitações e atividades práticas. Os autores defendem que essa formação é essencial para preparar futuros enfermeiros a prestar um cuidado integral e qualificado.

No contexto nacional, há evidências de que a graduação em Enfermagem ainda não incorpora de forma sistemática conteúdos detalhados sobre TEA. Uma revisão literária intitulada “*Conhecimento dos estudantes de Enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária*” encontrou deficiências teóricas e práticas nos currículos, identificando que entre os artigos analisados há pouca ênfase em práticas de simulação, estágio ou contato direto com o público autista (França; Souza; Bubadue, 2022). Isso sugere que muitos estudantes seguem formados sem exposição suficiente às demandas reais do espectro autista, o que pode aumentar a insegurança relatada no estudo A4.

Além disso, o artigo “*As dificuldades encontradas na assistência do enfermeiro aos pacientes com TEA*” (Costa et al., 2025) destaca que uma das lacunas mais citadas por profissionais é justamente a formação acadêmica, sem diretrizes claras ou carga curricular específica para TEA, o que afeta a capacidade prática dos enfermeiros recém-formados. Da mesma forma, relatos de experiência com monitoria inclusiva no curso de Enfermagem demonstram que atividades práticas de suporte educacional aumentam o engajamento e a empatia dos estudantes, favorecendo melhor preparo para atuar em contextos reais de cuidado (Ribeiro Barcelos; Silva; Oliveira, 2025). Estes estudos reforçam que inserir TEA na graduação, tanto em disciplinas estruturadas quanto em experiências práticas supervisionadas, não é apenas desejável, mas essencial para preparar profissionais confiantes e competentes.

O artigo 05 por teve como objetivo analisar o conhecimento da equipe de enfermagem sobre os transtornos autísticos em crianças, à luz da Teoria do Cuidado Humano de Jean Watson.

O método foi um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, realizado com 10 profissionais de enfermagem de uma instituição de saúde. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, interpretadas com base na análise de conteúdo.

Os principais resultados mostraram que os profissionais possuem conhecimento insuficiente sobre o autismo, o que limita a qualidade da assistência prestada. Entretanto, identificou-se a valorização de práticas de acolhimento, empatia e vínculo com as famílias, em consonância com os princípios do cuidado humano de Watson.

As conclusões evidenciam a necessidade de capacitação da equipe de enfermagem para o reconhecimento precoce dos sinais do autismo e para a adoção

de estratégias de cuidado mais efetivas. O estudo reforça que a aplicação da Teoria do Cuidado Humano pode favorecer uma assistência mais humanizada e integral.

Acolhimento e empatia são decisivos na qualidade do cuidado ao TEA. A revisão integrativa de Carvalho, Sousa e Azevedo (2023) aponta que práticas como escuta sensível, comunicação adaptada e suporte emocional fortalecem a confiança familiar e o vínculo terapêutico. De forma semelhante, Neves et al. (2023) identificaram que, embora falte preparo formal, abordagens individualizadas e atenção às características de cada paciente já representam avanços significativos no acolhimento.

Relato de experiência em uma Clínica Escola de Fortaleza mostrou que o contato supervisionado com pacientes autistas favoreceu a comunicação colaborativa e adaptada pelos alunos, reforçando que empatia e vínculo modificam a interação profissional-paciente (Experiência de Fortaleza, 2023). Esses achados demonstram que atividades práticas e vivências supervisionadas são estratégias eficazes para fortalecer o cuidado humanizado.

O artigo 06 realizado por Sandri et al. (2022), teve como objetivo compreender o cuidado prestado à pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua família no contexto do pronto atendimento, identificando desafios e potencialidades nessa assistência.

O método foi um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, desenvolvido em uma unidade de pronto atendimento, com a participação de 9 profissionais de enfermagem. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, analisadas pela técnica de análise de conteúdo.

Os principais resultados revelaram dificuldades dos profissionais em lidar com situações de crise envolvendo pessoas com TEA, especialmente devido à falta de preparo específico. Foi destacado o papel da família como apoio essencial no cuidado e na comunicação. Houve valorização do acolhimento, da escuta ativa e da humanização no atendimento como estratégias que auxiliam no manejo.

As conclusões apontam para a necessidade de capacitação dos profissionais de pronto atendimento no cuidado a pessoas com TEA, além do fortalecimento do vínculo com a família como parceiro fundamental. Ressalta-se que a humanização e a sensibilização são pilares para um cuidado mais qualificado.

No Brasil, já há exemplos práticos de adaptações no pronto atendimento visando reconhecer o papel da família para uma assistência mais humanizada. Por exemplo, o Hospital Unimed Chapecó implementou em seu pronto atendimento a emissão de pulseiras identificativas para pessoas com TEA (“Sou autista, tenha paciência”) e um protocolo que inclui alerta no prontuário eletrônico, medida que facilita a comunicação entre profissionais de saúde, pacientes e familiares, além de reduzir o tempo de espera (Unimed Chapecó, 2023). Essas estratégias reforçam que quando a família é envolvida desde o acolhimento inicial, há maior chance de amenizar crises sensoriais ou emocionais em momentos de urgência.

Outra iniciativa se deu na UPA Dona Rosa, em Americana, onde foram realizadas palestras para profissionais e familiares com o propósito de capacitar equipes para atendimento sensível a pessoas autistas, enfatizando ajustes no ambiente como diminuir ruído, organizar espaços, orientações para comunicação e a empatia como parte da rotina de urgência (Americana, 2025). Tais ações confirmam que pequenas intervenções estruturais e educativas podem fortalecer o vínculo família-serviço de saúde, possibilitando que o acompanhante atue como mediador eficaz no processo de cuidado, transformando potenciais barreiras em suporte efetivo.

4. Conclusão

A análise dos estudos revisados evidencia que a atuação do enfermeiro no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrenta desafios significativos, sobretudo relacionados à detecção precoce, à falta de capacitação específica e à fragilidade na articulação multiprofissional. A ausência de protocolos padronizados e a insegurança dos profissionais dificultam a identificação inicial dos sinais do TEA, atrasando intervenções que poderiam melhorar o desenvolvimento e a qualidade de vida dessas crianças. O acolhimento, a escuta qualificada e a construção de vínculo com as famílias surgem como elementos fundamentais para suprir, ainda que parcialmente, as lacunas técnicas, favorecendo uma assistência mais humanizada.

Outro ponto central identificado foi a necessidade de capacitação contínua dos enfermeiros e da inclusão do TEA na formação acadêmica, considerando que tanto profissionais quanto estudantes de Enfermagem demonstram insegurança e conhecimento limitado sobre a temática. A valorização do ensino prático, de vivências supervisionadas e do uso de ferramentas educativas contribui para maior confiança e preparo para o atendimento, alinhando-se às diretrizes do cuidado integral e ao fortalecimento do trabalho multiprofissional. Essas estratégias não apenas aprimoram a prática clínica, mas também favorecem a inclusão social das crianças com TEA, ao ampliar o diálogo entre saúde, educação e comunidade.

Por fim, destaca-se que o envolvimento da família e a humanização do atendimento são pilares indispensáveis para o cuidado qualificado, especialmente em contextos de pronto atendimento e situações de crise. A adoção de protocolos sensíveis às particularidades do TEA, a comunicação adaptada e a empatia demonstraram potencial para melhorar a experiência de cuidado e fortalecer a confiança entre família e equipe de saúde. Portanto, investir em formação profissional, integração multiprofissional e práticas humanizadas é essencial para superar as barreiras existentes e consolidar um modelo de assistência centrado na criança e em sua família, capaz de promover intervenções precoces e efetivas.

Referências

ALMEIDA, B. M.; ALMEIDA, C. A. de; FRANCO, E. M.; MARTINS, W. Desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem para o atendimento à criança autista. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 7, n. 15, p. e151412, 2024.

ALMEIDA, D. S. M.; AGUIAR, A. S. C.; VELOSO, L. U. P.; CARVALHO, A. M. B.; ALMEIDA, P. C. Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. *Revista de Enfermagem da UFPI*, v. 13, e3953, 2024.

AMERICANA. *UPA Dona Rosa avança na capacitação para atendimento humanizado a pacientes com autismo*. Americana: 019 Agora, abr. 2025.

BARBOSA, L. P. S.; FERREIRA, S. C.; PINHEIRO, L. M. A.; BARBOSA, D. A.; NASCIMENTO, J. F. O. Detecção precoce dos sinais de alerta de autismo em crianças na atenção primária à saúde sob a perspectiva das relações interpessoais. *Revista Cuidarte*, v. 14, n. 2, e3072, 2023.

BARCELOS, J. R.; SILVA, P. C. S.; OLIVEIRA, L. F. A monitoria inclusiva e o apoio educacional: relato de experiência de uma acadêmica de enfermagem inclusiva. *Revista FT*, 2025.

CAITANO, A. O. A.; OLIVEIRA, M. E. S.; VIEIRA, R. P.; SOUZA, A. C.; CASIMIRO, M. R.; QUENTAL, O. B. Assistência de enfermagem a crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 11, n. 5, 2025.

CAMELO, I. M.; CAMELO, E. C.; NEVES, K. R. T.; ARAGÃO, G. F. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. *Enfermagem em Foco*, v. 12, n. 6, p. 1210–1216, 2021.

CARVALHO, A. S.; SOUSA, M. G. D.; AZEVEDO, F. H. C. Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 3, n. 6, 2023.

COSTA, A. L.; FERREIRA, L. F.; CÂMARA, L. G. et al. As dificuldades encontradas na assistência do enfermeiro aos pacientes com TEA. *Revista FT*, 2025.

COSTA, L. F.; SOUSA, R. A.; SANTOS, F. M. A importância da triagem precoce no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Brasileira de Saúde e Diagnóstico*, v. 10, n. 6, p. 1102-1110, 2022.

COSTA, M. T. et al. O papel do apoio familiar durante a hospitalização de crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Cuidados e Saúde Familiar*, v. 15, n. 4, p. 1100-1108, 2022.

EXPERIÊNCIA DE FORTALEZA. Enfermagem integrativa no acolhimento humanizado ao paciente com autismo em clínica escola, Fortaleza-CE. 2023.

FERREIRA, L. M.; COSTA, A. M. Diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista: uma análise das abordagens atuais. *Revista Brasileira de Neurologia Pediátrica*, v. 15, n. 2, p. 120-128, 2022.

FRANÇA, I. S.; SOUZA, M. N.; BUBADUE, R. M. Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, FACESA, 2022.

GOMES, L. R. et al. A importância das ferramentas de triagem no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Psicologia e Educação*, v. 11, n. 2, p. 45-53, 2019.

JERÔNIMO, T. G. Z.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 36, eAPE030832, 2023.

LIMA, A. M.; ALMEIDA, R. T.; MELO, F. C. Intervenção precoce no atendimento hospitalar a crianças com TEA. *Revista de Enfermagem da Universidade de São*

Paulo, v. 22, n. 3, p. 34-39, 2018.

LIMA, M. L. et al. Intervenções psicopedagógicas no ambiente hospitalar: impacto na redução do estresse de crianças com TEA. *Jornal de Psicopedagogia e Saúde*, v. 9, n. 1, p. 33-40, 2018.

LIMA, R. F. et al. Capacitação dos profissionais de enfermagem no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Jornal de Enfermagem e Saúde*, v. 10, n. 3, p. 45-53, 2024.

MORAES, T. L. et al. Estratégias de comunicação e cuidado de enfermagem a pacientes autistas: desafios e oportunidades. *Revista de Saúde Mental e Enfermagem*, v. 21, n. 1, p. 90-98, 2023.

NEVES, K. C.; FELIX, D. P. S.; RIBEIRO, W. A.; FASSARELLA, B. P. A.; SILVA, A. A. S. Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para a assistência de enfermagem. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, 2023.

OLIVEIRA, D. A.; SILVA, P. C.; SANTOS, G. M. Estratégias de comunicação para pacientes com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 18, n. 2, p. 73-80, 2021.

OLIVEIRA, F. M. et al. A comunicação alternativa no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: desafios e benefícios para a prática de enfermagem. *Revista de Terapias e Cuidados Especiais*, v. 14, n. 2, p. 71-78, 2021.

OLIVEIRA, P. R. et al. O papel da enfermagem no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 32, p. e3321, 2024.

PARANÁ. Escola de Saúde Pública. Capacitação multiprofissional em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) voltada ao transtorno do espectro do autismo: curso para profissionais de saúde do Paraná. 2021.

PEREIRA, G. A. et al. Prevalência de Transtorno do Espectro Autista no Brasil: um estudo de revisão. *Revista Brasileira de Psiquiatria e Saúde Mental*, v. 40, n. 4, p. 200-209, 2023.

PRANDO, A.; LEÃO, T. Diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar*, v. 6, n. 1, p. 1–12, 2025.

PRIGOLLI, J. B.; ROSTIROLLA, L. M.; GRANDO, P. Percepções e desafios de profissionais da enfermagem na atenção primária à saúde frente ao transtorno do espectro autista. *Saberes Plurais*, v. 9, n. 1, 2024.

SOUSA, B. H.; SANTOS, G.R.; LEAL, I. B. Desafios enfrentados por profissionais de enfermagem no cuidado a pacientes com transtorno do espectro autista: uma revisão integrativa. *Revista FT*, 2021.

RODRIGUES, M. A.; SILVA, D. F. Desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Revista de Enfermagem e Saúde Coletiva*, v. 18, n. 2, p. 75-82, 2023.

RUELA, L. O. Perspectivas de enfermeiros da APS sobre assistência a crianças com TEA e seus cuidadores. *Saúde & Desenvolvimento Humano*, v. 12, n. 3, 2022.

SANDRI, J. V. A.; PEREIRA, I. A.; CORRÊA, T. G. L. P. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 43, n. 2, p. 251–262, jul./dez. 2022.

SANTOS, E. C. S. Conhecimento dos enfermeiros acerca do Transtorno do Espectro Autista em crianças na atenção primária. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem)* – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2024.

SANTOS, E. R. et al. Desafios na formação e atuação dos enfermeiros no atendimento a crianças com TEA. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 76, n. 6, p. 1327-1335, 2022.

SILVA, A. M. et al. Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico e intervenção precoce. *Revista Brasileira de Neurologia*, v. 40, n. 5, p. 312-318, 2023.

SILVA, J. A. et al. Impacto da capacitação dos enfermeiros no atendimento a crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 6, p. 1247-1255, 2020.

SILVA, J. R.; FERNANDES, A. C.; PEREIRA, L. F. A importância do suporte familiar no atendimento de crianças com TEA no contexto hospitalar. *Revista de Enfermagem e Saúde*, v. 28, n. 4, p. 1250-1257, 2020.

SILVA, N. C. F.; MARCULINO, T. C.; SOARES, J. O.; PONTES, A. N. Os desafios da enfermagem no processo de inclusão escolar de meninas com transtorno do espectro autista. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, v. 11, n. 1, 2025.

SOELTL, S. B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. *ABCS Health Sciences*, v. 46, e021206, 2021.

UNIMED CHAPECÓ. *Empatia com a singularidade: protocolo de atendimento humanizado para autistas*. Chapecó: Unimed Chapecó, 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB). Potencialidades e limitações da assistência de enfermagem em atenção às crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa. *Revista Saúde.com (UESB)*, 2022.